



CLEOMAR BRANDI: “NOTÍCIA NÃO É FOLHA DE OUTONO; NÃO CAI NO COLO”

Ênio Moraes Junior¹



O jornalista Cleomar Brandi

¹ Doutorando em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP).

“Alguns dizem que pareço como o Vinícius de Moraes, outros me acham parecido com Paulo Freire”, diz. Seja lá como for, o que ocupa a cabeça e o coração de Cleomar Brandi, 63 anos, é o jornalismo. Embora tanto do poeta como do educador ele talvez tenha pelo menos duas características: a sensibilidade e o gosto pela palavra, especialmente pela palavra escrita.

Natural de Ipiaú, uma pequena cidade com pouco mais de 40 mil habitantes do sudeste da Bahia, há 25 anos Cleomar mora e trabalha em Aracaju, capital de Sergipe. De fala mansa e conversa agradável, apresenta a desenvoltura de quem foi contaminado pelo espírito de um jornalismo que não tem fórmula, mas que se inquieta cheio de desafios. “Somos pagos para sermos curiosos, perguntar e escrever. Isso me deixa encantado”, diz.

Com mais de 35 anos dedicados à profissão, Cleomar se confessa um boêmio cuja boemia é estratégia da profissão. Para ele, o jornalismo vive da inquietação, não apenas intelectual, mas também física do jornalista. “Quando eu saio para os bares, costumo chegar em casa cheio de guardanapos com informações, anotações e pautas. Sugestões que me dão na rua”.

2

Incentivador da leitura e da escrita como base para qualquer profissional da imprensa, lembra de um grande momento do jornalismo alternativo e de resistência no Brasil: os anos 70. Acende um cigarro – o segundo, em pouco mais de meia hora de entrevista – reclina-se confortavelmente na cadeira de rodas, abre bem os olhos e observa com ar de orgulho: “Sou da geração do *Movimento*, do *Pasquim*, do *Opinião*. O estilo do Fausto Wolff, do Henfil, por exemplo, tinha uma riqueza vocabular que enriquecia os textos, as entrevistas”.

Para Cleomar, o bom jornalista é perspicaz no uso da palavra e presta atenção aos fatos que se passam a sua volta. “Isso me deixa encantado, mas eu não vejo muito mais esse encanto nas novas gerações”. Cleomar lamenta que, a cada entrevista que faz para contratação de novos estagiários para as redações onde trabalha, os estudantes chegam mais despreparados, menos curiosos e com vocabulário mais pobre.

Ele assinala, nas novas gerações, uma complicada perda do gosto pela profissão. “Eu trabalho em jornal impresso e elejo sempre dois repórteres para produzir uma

matéria especial de página para o final de semana. Ora, o jornal custa só dois reais, mas no domingo o repórter passa pela banca, vê que sua matéria foi manchete e espera chegar a segunda-feira para ver como ela ficou paginada ou se a abertura foi mudada. Eu não me conformo com o jornalista desinteressado, que não é curioso”.

“Essa falta de inquietação me irrita”, diz. Mas se faz a crítica a alguns profissionais, oportunamente Cleomar também aconselha jovens e futuros jornalistas. Por conta de sua experiência e, principalmente, pela desenvoltura que tem com a palavra, vez por outra é convidado para conversar com estudantes de cursos de jornalismo de Aracaju. ““Quem não lê, não escreve”, eu sempre digo isso”. E completa: “O jornalista tem que ser curioso, ler e possuir o um bom acervo de livros em casa”.

Alternativo – Em Sergipe, Cleomar passou por jornais, emissoras de televisão e trabalhou com publicidade. Atualmente é diretor de jornalismo da *TV Aperipê*, emissora de TV do Estado que ajudou a implantar. Atua também no *Jornal da Cidade* mimando uma grande paixão dentro do jornalismo: a produção. “Ela é o grande fio de água que sai da montanha, que vira rio e deságua no oceano. A produção é o começo de tudo”, diz.

“Na rua, o produtor tem que ser sempre jornalista”. Talvez seja por isso que Cleomar inquieta-se, sai de casa e circula atento a boas conversas, farejando pautas. “Se você estiver muito fechado no seu computador, sem ir para a rua, perde boas pautas”.

Exatamente por conta dos trabalhos de produção, a crônica – uma outra paixão no jornalismo – ficou abandonada. Foi aí que surgiu um desafio recente: editar o *Jornal da 13*, um tablóide alternativo em que Cleomar, junto com o sócio Paulo Lobo e uma legião de colaboradores, pretendiam exercitar um jornalismo livre, diferenciado do que estava no mercado. “Foi uma cobrança dos amigos, das pessoas que queriam ler meus textos”.

O nome do jornal era uma alusão a uma dos bairros mais famosos de Aracaju, o Treze de Julho. “Fazer jornal alternativo não é fácil do ponto de vista econômico. O *13* trouxe mais despesa que receita, mas a vantagem é que você junta uma turma para produzir e não tem ranço patronal. Minhas opiniões, da forma como saiam assinadas, nunca saíam em um jornal comercial”.

Iniciada em 2004, a experiência foi curta e deu certo por apenas cinco números, mas Cleomar pretende voltar ao projeto onde foi um dos responsáveis pela picante coluna *Malagueta*, cheia da perspicácia que ele atribui à atuação dos bons jornalistas: “A ironia liberta da receita”, diz esfuziante.

Nos últimos meses Cleomar tem se dedicado a outro projeto. O livro *Os Segredos da Loba* está em fase de orçamento de gráfica e deve ser lançado em agosto deste ano. Na obra, o autor se dedica a suas paixões, e o jornalismo não poderia ficar de fora. “Eu faço questão que você olhe, acho que você vai gostar”, fala referindo-se à prova do livro e indica a leitura do artigo *Ametista não é Diamante*. Um trecho, em especial, destaca o quanto o jornalismo está presente na sua vida: “Ao acordar pautar a verdade, ao dormir editá-la”.

Formação – Cleomar reconhece a importância da boa formação do profissional da área de jornalismo e, por conta disso, tem uma opinião clara sobre a recente suspensão da obrigatoriedade do diploma pelo Supremo Tribunal Federal. “O mercado depura”, diz, ponderando que as empresas não vão ficar em seus quadros com profissionais despreparados.

4

Cleomar considera que jornalismo alternativo deveria ser uma cadeira séria da graduação e que os cursos devem ser espaços para experimentações e criação de novas formas de linguagem. “Às vezes você pode ter estudantes que aprisionam seu talento no paletó academicista, mas muitos deles são altamente criativos”, observa destacando o talento escondido de estudantes que viu florescer nos estágios e nas redações.

“Sempre se pode escrever de uma maneira diferente. Por que não?”, pondera enquanto observa uma barata que agoniza em frente à sua cadeira de rodas. “Hoje fizeram uma dedetização aqui, estão todas morrendo”.

E por que não? Ele mesmo encontrou um caminho criativo para viver e superar as dificuldades de quem perdeu as duas pernas ainda na adolescência em consequência de um vírus e um posterior erro médico.

“Na época, quando meus amigos foram me visitar, fiz uma festa da meia: distribui um par de meias para cada visita, proclamei que nenhuma mulher iria mais pegar no meu pé e nem teria mais chulé”.

Recentemente Cleomar protagonizou uma cena hilária no centro de Aracaju. Depois de umas cachaças, numa Quinta-feira Santa, resolveu ir à Catedral da cidade participar da cerimônia católica do Lava-Pés. “Queria ver a cara do padre, mas os amigos acharam que seria demais e se recusaram a colaborar”, lamenta.

A vivacidade e a inquietação parecem ser mesmo características dos bons jornalistas. “Notícia não é folha de outono, não cai no colo”. Cleomar pausa a fala, acende mais um cigarro do maço, olha em volta: “A notícia tem que ser buscada. O bom jornalista tem que estar física e mentalmente rodando”. Sentencia com a segurança de quem segue a risca aquilo que fala. Às vezes as palavras de Cleomar fazem lembrar a inquietação da poesia de Vinícius e a ousadia da educação de Paulo Freire.